

Ética da rasteira

MAURO CHAVES



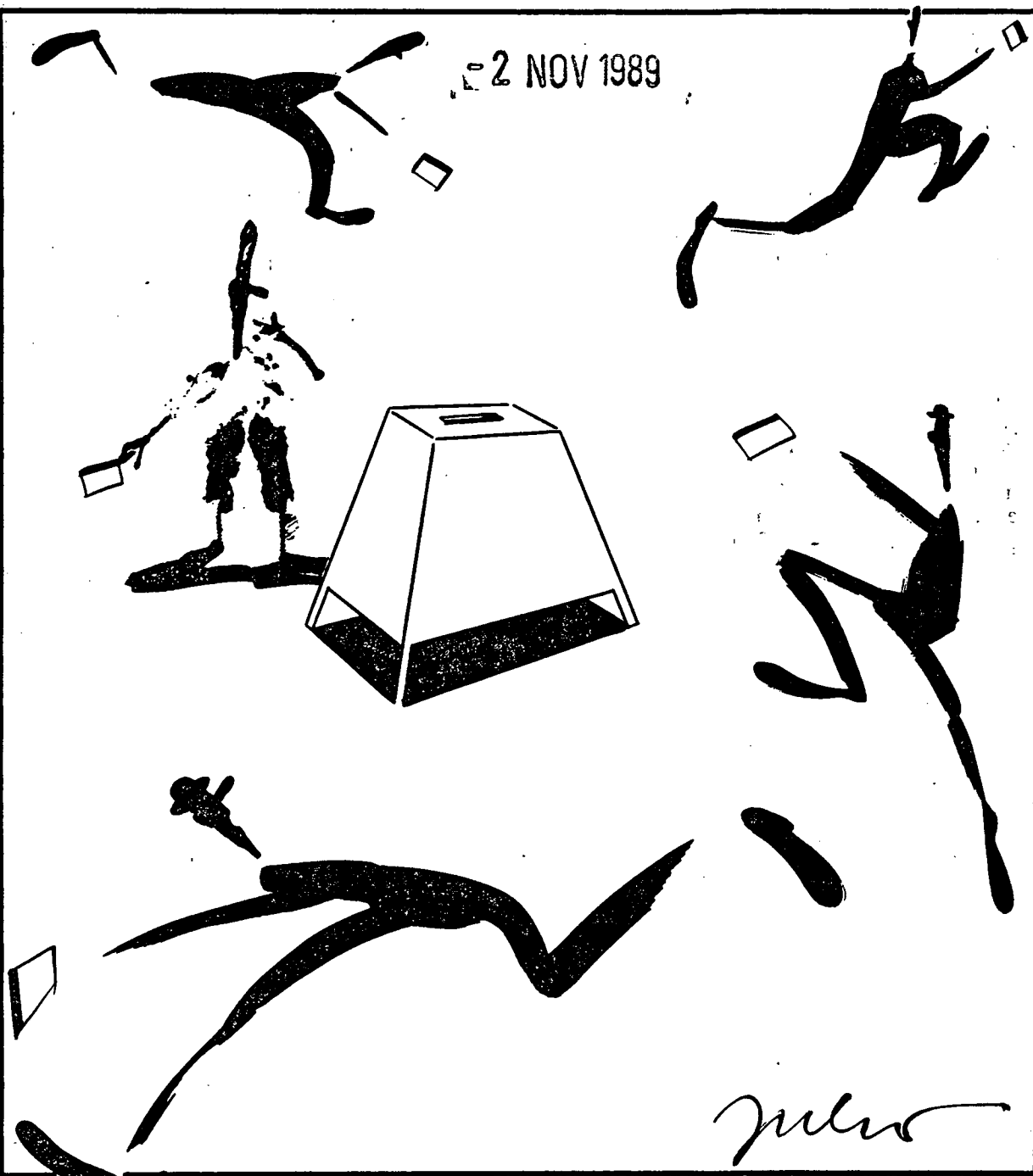
Não se discute o legítimo direito de qualquer cidadão brasileiro, maior de 35 anos, eleitor e no gozo de seus direitos políticos, chamar-se como for (Senor, Zamir ou Enéas), tenha sido o que seja (camelo, torneiro mecânico ou palhaço de circo) de se candidatar a presidente da República do Brasil. O que a Constituição permite ninguém pode se arvorar no direito de proibir.

Não se discute a conveniência ou não de uma candidatura, a competência ou não de um cidadão para exercer o ofício de governo, pois aí se inserem critérios de cunho subjetivo, que podem traduzir meros interesses conflitantes. O que é bom para uns às vezes é, precisamente, o que deruba outros. E quem seria capaz de traçar o **padrão mínimo** de ingresso na classe política cabocla, para qualquer cargo de governo, considerando-se os **padrões** vigentes?

O que se discute, neste intempestivo lançamento da candidatura do animador de auditório e empresário Silvio Santos, é todo um cenário político-partidário, legislativo-eleitoral e governamental profundamente distorcido, invertedor de valores, caótico, que confunde pluripartidarismo com comercialização de legendas, liberdade de expressão política com libertinagem de comunicação compulsória e estrelismo artístico com liderança popular.

Na raiz deste verdadeiro bordel em que se transformou a filiação partidária no Brasil está, primeiro, o famigerado "horário gratuito", que passou a reger todos os interesses da classe política, tornando os parlamentares federais meros objetos intercambiáveis — e descartáveis —, arregimentados numa sigla ou outra, conforme os minutos de comunicação eletrônica que se pretenda. E, em segundo lugar, está a facilidade absurda que a lei concede para a criação, domínio, posse e locação de legendas, por parte de pessoas que, em vez de currículo, têm apenas prontuário.

Silvio Santos, por justiça, não pode ser considerado o único esperto a tirar proveito desse sistema eleitoral-perverso, elaborado pelos que criaram e destruíram a malsinada Nova República — e que tiveram seus casuísmos saídos pela culatra. O animador apenas usou a velha astúcia para se beneficiar de um sistema eleitoral **geroniano**, feito por espertalhões, mas que, por incompetência



de seus criadores, acabou favorecendo os espertalhões adversários.

Silvio se aproveita de um sistema eleitoral "geroniano"

Por trás da candidatura Silvio Santos existe uma outra esperteza, vinda do Planalto. É que o presidente Sarney jamais se conformou em ser o único governante da História — do Brasil e, talvez, do mundo — a não contar com o apoio de nenhum dos candidatos à sua sucessão, mesmo estes sendo em número superior a duas dezenas. E não é nada cômodo para quem vai deixar o poder saber que os principais pretendentes a seu posto — Collor, Lula, Brizola, Covas, Maluf — também competem para ver quem consegue o

discurso mais agressivo, mais contundente, contra seu governo. Então, depois de ter convidado o empresário Antônio Ermírio de Moraes para virar o tabuleiro sucessório — e de este o ter recusado em 4 de setembro, na Granja do Torto —, Sarney optou por Silvio Santos e obteve sucesso.

Assim como José Sarney, no último momento e sem aviso prévio, passou uma tremenda rasteira em todos os seus adversários candidatos, levando o sr. Abravanel a bagunçar por completo as próximas pesquisas eleitorais, o animador de TV também fez cama-de-gato para seus concorrentes, ao se poupar durante os longos meses da campanha, protegendo-se de todas as críticas, ataques, debates, fugas e consequen-

tes desgastes. Não precisando do "horário gratuito" — por ter sua imagem conhecidíssima em todo o território nacional —, Silvio Santos se livrou do "horário gratuito" dos adversários. Entra na campanha **clean**, lépido e fagueiro, enquanto seus concorrentes já se mostram estropiados por múltiplas porretadas.

Agora uma perguntinha: alguém já pensou na brutal confusão do eleitorado, sabendo-se que até a antevéspera da eleição não se terá certeza da validade da candidatura Silvio Santos? Claro que não, pois a **ética da rasteira** não comporta preocupações desse gênero — justamente por ser rasteira.

Mauro Chaves é editorialista do Estado e comentarista político da Rádio Eldorado.